



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES**

Prof-Artes



INGRIDY DE ALMEIDA NASCIMENTO

**O CAMINHAR COMO PRÁTICA ESTÉTICA NO TEATRO: EXPERIÊNCIA
ESCOLAR**

**UBERLÂNDIA- MG
2020**

INGRIDY DE ALMEIDA NASCIMENTO

O CAMINHAR COMO PRÁTICA ESTÉTICA NO TEATRO: EXPERIÊNCIA
ESCOLAR

Artigo apresentado ao Programa de Mestrado
Profissional em Artes, da Universidade Federal
de Uberlândia, como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Dirce Helena
Benevides de Carvalho.

Uberlândia- MG
2020

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

N244 2020	<p>Nascimento, Ingridy de Almeida, 1987- O caminhar como prática estética no teatro: [recurso eletrônico] : experiência escolar / Ingridy de Almeida Nascimento. - 2020.</p> <p>Orientadora: Dirce Helena Benevides de Carvalho. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Artes. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.667 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Artes. I. Carvalho, Dirce Helena Benevides de, 1959- , (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Artes. III. Título.</p> <p>CDU: 7</p>
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES)				
	Dissertação de Mestrado Profissional				
Data:	24 de setembro de 2020	Hora de início:	10h00m	Hora de encerramento:	12h20m.
Matrícula do Discente:	11822MPA007				
Nome do Discente:	Ingridy de Almeida Nascimento				
Título do Trabalho:	O Caminhar como prática estética no Teatro: Experiência Escolar				
Área de concentração:	Artes				
Linha de pesquisa:	Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Cena contemporânea: corpo-voz e pedagogias teatrais na contemporaneidade				

Reuniu-se na Sala Virtual Plataforma Google Meet, Campus Uberlândia, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES), assim composta: Professores Doutores: Getúlio Góis de Araújo - ESEBA/UFU; Narciso Larangeira Telles da Silva - IARTE/UFU; Dirce Helena Benevides de Carvalho - IARTE/UFU orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dr^a. Dirce Helena Benevides de Carvalho, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu a Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por Getúlio Góis de Araújo, Professor(a) do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, em 24/09/2020, às 12:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Narciso Larangeira Telles da Silva, Professor(a) do Magistério Superior, em 24/09/2020, às 12:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Dirce Helena Benevides de Carvalho, Membro de Comissão, em 24/09/2020, às 12:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 2270485 e o código CRC 94A6F355.

O caminhar como prática estética no teatro: experiência escolar

Ingridy de Almeida Nascimento¹

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Dirce Helena Benevides de Carvalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Resumo

A presente pesquisa trata das práticas contemporâneas nas artes cênicas no âmbito da escola de Educação Básica, com ênfase em experiências de caminhadas realizadas nos espaços da escola e fora dela. Para tanto, foram realizadas experiências artísticas com alunos do Ensino Médio da Escola Estadual “Prof.^a Hilda Rocha Pinto”. Deste modo, pretendo apresentar o teatro trabalhando práticas contemporâneas que privilegiam as subjetividades dos alunos em suas relações com as espacialidades, a saber, com o ambiente circundante da escola e com o entorno dela, configurando-se, portanto, em práticas de caminhadas estéticas, possibilitando experiências de coletividade significativas nas aulas de arte, objetivando colaborar com a formação dos alunos. Refletir sobre práticas e metodologias contemporâneas é uma oportunidade de desenvolver uma pedagogia teatral ancorada nas expressividades e nas singularidades dos sujeitos aprendizes. Nesse sentido, as práticas teatrais desenvolvidas com os alunos do Ensino Médio privilegiando as itinerâncias pelo espaço escolar, a saber, o caminhar ou, mais exatamente, a deriva, passam a integrar o escopo da pesquisa. A questão que se levanta refere-se, pois, à verificação das possibilidades do fazer artístico considerando as práticas contemporâneas nas artes cênicas, destacando as relações do espaço com os sujeitos em experiências de deambulações.

Palavras-chave: Ensino de Arte; Experiência Artística; Caminhadas Estéticas; Coletividades.

¹ Mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Graduada em Artes - Educação Artística (Claretiano/CEUCLAR) e Pedagogia (ESC). Especialista em Arte e Educação (Claretiano/CEUCLAR). Professora da disciplina de Arte no Ensino Médio da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Professora de Arte das séries iniciais do Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal de Lorena-SP.

Abstract

This following research deals with contemporary practices in the performing arts aiming the Basic Education emphasizing background experiences built in and outside school facilities. In that matter, artistic experiments were carried out with High School students from the State School “Prof.^a Hilda Rocha Pinto”. Based on that, I intend to present the play working with contemporary practices that privilege the students subjectivities in their relations with espaciality, bearing in mind the school’s surroundings and its environment. Thus, configuring itself, in aesthetic walking practices, enabling significant collective experiences in art classes, aiming to collaborate with students' training. Reflecting on contemporary practices and methodologies is an opportunity to develop a theatrical pedagogy anchored in the expressiveness and singularities of the learning subjects. In this sense, the theatrical practices developed with High School students favoring wandering around the school space, considering walking or, more precisely, drifting, become part of the research goal. Therefore, the question that arises refers to the verification of the possibilities of artistic making considering contemporary practices in the performing arts, highlighting the relationships of space with the subjects in wandering experiences.

Keywords: Art Teaching; Artistic Experience; Aesthetic walks; Collectivities.

INTRODUÇÃO

A pesquisa de mestrado no Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES), na Universidade Federal de Uberlândia, trata das práticas contemporâneas nas artes cênicas no âmbito da escola de Educação Básica, com ênfase em experiências de caminhadas nos espaços da escola e fora dela.

Em minha trajetória, alguns aspectos essenciais foram extremamente importantes para decidir a minha profissão, a saber, ser professora de arte na Educação Básica.

Minha história não é a única que apresenta dificuldades; tenho imenso respeito e admiração pelas mulheres negras, pois sendo negra, nunca desisti de estudar, uma vez que minha ancestralidade já foi escravizada. Deparo-me cotidianamente com a exclusão da herança afro-brasileira, mas meus pais contribuíram incentivando seus seis filhos a estudarem e conseguirem uma formação que favorecesse seu futuro profissional. É notória a exclusão da herança afro-brasileira em nossa sociedade, muitas vezes omitindo nossas próprias origens. Quando estava iniciando os estudos no Ensino Fundamental, algumas brincadeiras causavam divisões e exclusões em decorrência das diferenças presentes em minhas características físicas.

No período da minha escolarização no Ensino Fundamental e Médio, meu interesse se voltava fortemente para as aulas de arte. Recordo-me das aulas direcionadas à realização de pinturas, de acordo com a orientação da professora, que julgava os desenhos de forma binária, isto é, bonitos ou feios, bons ou ruins, confirmando uma pedagogia tecnicista no ensino de arte. Realizava as minhas atividades com muita destreza, mas me sentia mais à vontade quando fazíamos desenho livre.

Nas atividades livres, uma folha era pequena para externalizar tudo que eu sentia. A convivência com muitos alunos na escola era bastante conturbada pelo fato de eu ser negra. Assim, quando apresentava meus trabalhos, eles não eram vistos como bons, uma vez que a diferença entre os alunos de acordo com as suas etnias era bem evidenciada nesta escola. Com a cor da minha pele, o meu cabelo “crespo”, por alguma razão, em uma das aulas percebi que meus desenhos refletiam as nossas diferenças étnicas: eu tentava representar as figuras humanas com cores mais próximas de minha cor negra.

Mesmo diante de algumas experiências constrangedoras, ainda trago em minha memória a revelação da importância da arte em minha vida. Menina do interior de São Paulo, natural da cidade de Cruzeiro, ficava encantada quando o circo chegava na cidade. Cresci em uma família humilde, na qual meu pai e minha mãe com muita dificuldade nos levavam para assistir às

apresentações circenses. Olhava aquilo e imaginava que poderia ter algo assim também na escola: corpos em movimento, acrobacias, equilíbrio corporal, trapézio, palhaços, todo este universo se fazia muito diferente de minhas aulas de arte no local onde estudava.

Na minha trajetória como professora de arte, desde o início senti necessidade de expressar algo a mais que fosse além do papel. A vontade de expressar corporalmente as atividades artísticas foi o disparador para essa pesquisa, pois pude perceber que, para a maioria dos alunos, a aula de arte é apenas um momento de entretenimento, em decorrência de distorções sobre concepções do ensino de arte, fragilizados principalmente no que diz respeito às expressividades cênicas.

Iniciei minha formação na graduação em Arte na modalidade a distância (EAD) no ano de 2010, na Instituição de Ensino Superior privada Centro Universitário Claretiano, localizada na rua Dom Bosco, número 466, bairro Castelo, em Batatais-SP. A realização das atividades acadêmicas ocorreu no polo de apoio às atividades presenciais, com encontros mensais realizados no Largo Madre Mazzarello, número 360, bairro São Benedito, em Guaratinguetá-SP. Para pagar a mensalidade foi necessário trabalhar com recreações em festas de aniversário infantis. Com muita ludicidade, envolvia as crianças em jogos e brincadeiras, fantasiando-me de palhaço e de outros personagens e, dessa forma, pude custear parte dos investimentos na minha formação em Arte.

Quando eu estava no último ano do curso da graduação em Arte, em 2012, fui contemplada com a bolsa de estudos para o curso de licenciatura em Pedagogia, realizando os estudos na Escola Superior de Cruzeiro, localizada na rua Dr. José Rodrigues Alves Sobrinho, número 191, em Cruzeiro-SP. Permaneci naquele ano, finalizando a graduação em Arte e iniciando o curso de licenciatura em Pedagogia. Quando a oportunidade surgiu foi necessário esforço, dedicação e firmeza para não desistir de minha formação.

Após concluir a graduação em Arte, iniciei o trabalho como professora efetiva na rede pública estadual paulista. A primeira escola onde ministrei aulas de arte foi no município de Lavrinhas, de 2014 a 2017. A escola comportava aproximadamente duzentos alunos do Ensino Médio no ano de 2014. Foi algo marcante para a minha decisão de ministrar as aulas de arte para além dos Cadernos Didáticos, materiais compostos por especialistas na área da Educação que atuam diretamente na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Os professores do ensino de arte da rede pública são orientados a desenvolver suas aulas em conformidade com os conteúdos e temas presentes nesses materiais, que se configuram como guias didáticos para as aulas de arte. Muitas das atividades propostas não estão em consonância com a realidade dos alunos e, diante dessas dificuldades, os professores realizam

as adaptações à medida que lhes é possível. Em algumas situações, tais adaptações ficam muito frágeis e, para que ocorram, faz-se indispensável observar com muita acuidade as diferentes realidades que se apresentam no âmbito escolar, para que as atividades possam espelhar as necessidades de aprendizagem artística dos alunos.

Em decorrência da reorganização da rede estadual de ensino, muitas classes foram fechadas desde o ano de 2015. Silenciosamente, as escolas foram atingidas pelo impedimento da abertura de novas classes. Sabemos o quanto é importante um ambiente de aprendizagem com o número reduzido de alunos no espaço físico. As salas das redes de ensino público estadual têm superlotação, sobrecarregando o trabalho do professorado, com falta de materiais e de manutenção dos prédios escolares, dentre outros agravantes.

O fechamento de salas atingiu muitos profissionais de diferentes disciplinas, obrigando os professores a se deslocarem para outras escolas, não tendo a certeza de que teriam aulas suficientes para completarem a sua jornada semanal de trabalho. Com a situação que se apresentava, a escola onde lecionava foi atingida pela reorganização e todos os professores foram transferidos para outras unidades escolares no período de 2017 a 2018. Cheguei na outra escola, ainda no município de Lavrinhas, na categoria de professora excedente, pois já havia uma professora titular para as aulas de arte e, assim sendo, fiquei apenas com quatro aulas semanais, tendo que participar de nova atribuição de aula no ano de 2018, quando ingressei na Escola Estadual Prof.^a Hilda Rocha Pinto, localizada na cidade de Cruzeiro.

Buscando ações que pudessem favorecer uma prática que se diferenciasse de técnicas de reprodução, continuei minha pesquisa na E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto. A realidade da escola mostrou como esses jovens, no decorrer de sua trajetória escolar, muitas vezes, não têm acesso às possibilidades que a arte oferece. Diante de tal situação, percebi a importância de investigar metodologias que privilegiassem a experiência estético-artística nas artes cênicas, considerando o fazer artístico e a fruição estética. Assim, no decorrer de minha pesquisa, apresento uma reflexão sobre as experiências teatrais vivenciadas com alunos do Ensino Médio da Educação Básica.

A pesquisa foi realizada com os alunos do Ensino Médio, contemplando uma faixa etária de dezesseis a dezoito anos de idade da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto, localizada na rua São Luís, número 183, bairro Jardim São José, em Cruzeiro.

Deste modo, pretendo apresentar o teatro trabalhando práticas contemporâneas que privilegiem as relações dos alunos com as espacialidades, ou seja, com o ambiente circundante da escola e de seu entorno, configurando-se, portanto, em práticas de caminhadas estéticas buscando experiências significativas para os alunos.

O processo de produção da escrita desse artigo acontece na realidade pandêmica que assola o mundo, causada pela Covid-19, que obrigou o fechamento das escolas e gerou uma crise financeira, exigindo novas estratégias e recursos didáticos para alcançar os alunos e auxiliar na aprendizagem. Os professores aprenderam a utilizar diferentes plataformas para ensinar de maneira remota e avaliar os estudantes mesmo estando distantes. Mediante o esforço em reorganizar as aulas, muitos alunos ainda não tiveram acesso ao ensino pela ausência de computador e celular com internet.

Para o aporte teórico, recorro à obra *Walkscapes: o caminhar como prática estética*, de Francesco Careri (2013). O autor mostra o caminhar como um meio para fruição estética e é possível adaptações para a realização de derivas com nossos alunos.

Destaco a contribuição do filósofo Guy-Ernest Debord (1931-1994), que em 1950 passa a integrar a Internacional Letrista, sendo um dos fundadores da Internacional Situacionista (IS). Em 1957, ocorre uma junção do Movimento Letrista com o Movimento por uma Bauhaus Imaginista. Influenciados pelo movimento Dadá das vanguardas europeias no início do século XX, os letristas buscavam a integração entre poesia e música e a transformação da paisagem urbana.

Um dos textos que propunham a deriva foi assinado por Debord e Fillon e publicado no *Potlatch*, número 14, no ano de 1954. As ideias relacionadas à deriva e à psicogeografia levaram-no a criar a *Teoria da Deriva* em 1958, publicada na Revista da Internacional Situacionista. A prática da deriva é o caminhar ao acaso, sem direção, reconhecendo o acaso como uma possibilidade de criar significações.

A vontade de construir significados ou de desconstruir padrões vigentes inscritos na sociedade do espetáculo já são demonstradas na primeira publicação de *Potlatch*. Revista Internacional Letrista, em junho de 1954, “*Le jeu psychogéographique de la semaine*” (O jogo psicogeográfico da semana), publicados com outros textos letristas na revista belga *Les lèvres nues* (Os lábios nus), entre os anos de 1955 a 1956.

Os indivíduos são convidados a experimentar o espaço urbano rompendo com a racionalidade das representações dos espaços dominantes. Para os situacionistas, o ambiente interfere diretamente no comportamento humano e, ao propor o caminhar estético, ou mais exatamente, a deriva, promove-se novas percepções sobre as relações do sujeito com o espaço circundante. Reafirmando a autoria dos participantes, ao se deixarem levar por novos caminhos e rotas propondo novos mapas de percursos, as caminhadas rompem com comportamentos padronizados dos lugares que são percorridos no dia a dia. O estado de liberdade no ato da

deriva é reassegurado pelas escolhas dos participantes; é fruição, é estar em jogo com o espaço circundante, promovendo a experiência estética.

A preocupação dos situacionistas dava-se na busca de uma concepção de arte que não correspondesse ao desejo burguês, intensificando a importância da experiência. Assim, buscavam novas percepções nas relações do sujeito com seu entorno. Debord (1997) valoriza a experiência da deriva como um dos meios de combate à sociedade do espetáculo e, ao mesmo tempo, a superação da arte moderna, uma vez que arte e vida estão colocadas em jogo na experiência do caminhar. Não há a representação e o que está em jogo é a experiência do participante, já que seu comportamento nesse processo sensível e expressivo cria seu caminho escolhendo direções, ou ainda, deixa-se levar em uma rota indeterminada, fazendo do caminhar uma experiência sensorial.

As motivações a respeito das relações entre o sujeito e o espaço circundante me instigaram a conjecturar sobre as possibilidades da deriva inserida em práticas e metodologias contemporâneas no ensino de arte. Tal motivação tornou-se uma oportunidade para o desenvolvimento de uma pedagogia teatral ancorada nas expressividades e nas singularidades dos sujeitos aprendizes. Nesse sentido, as práticas teatrais desenvolvidas com os alunos do Ensino Médio, privilegiando as itinerâncias pelo espaço escolar, passam a integrar o recorte desta pesquisa.

A questão que se levanta refere-se, à verificação das possibilidades do fazer artístico considerando as práticas contemporâneas nas artes cênicas, destacando as relações do espaço com os sujeitos em experiências de deambulações.

Partindo do conhecimento das concepções do ensino de arte nas escolas de Educação Básica, esta pesquisa se insere em uma abordagem qualitativa, fundamentando-se no método etnográfico.

Para Lüdke e André (1986), a abordagem etnográfica compreende os dados descritivos, que são obtidos quando o pesquisador entra em contato com o objeto de estudo. Priorizando o processo ao invés do produto, esse tipo de pesquisa possibilita a compreensão entre os indivíduos, pois não busca explicar ou prever resultados, mas sim considera a produção do conhecimento e os signos produzidos como as imagens, as fotografias, os desenhos, dentre outros. De tal modo, sua prioridade não são os resultados, mas o processo que ocorre no decorrer da pesquisa.

É importante destacar que a produção da escrita desse artigo está sendo realizada no momento da pandemia da COVID-19 que assola o mundo e levou ao fechamento das escolas, além de agravar a crise política e financeira. Surgido em território chinês, o vírus SARS-CoV-

2, responsável pela doença COVID-19, possui alto nível de contaminação e, por este motivo, obrigou as pessoas a viverem em isolamento social.

Tal acontecimento está exigindo novas formas, diferentes estratégias e variados recursos didáticos para permitir a continuidade da aprendizagem de forma remota, apesar de todos os obstáculos envolvidos neste processo, principalmente pelas desigualdades socioeconômica tão visíveis na educação pública brasileira.

Os alunos desenvolveram as aulas práticas que integram esta pesquisa antes da pandemia, no ano de 2019, com aulas presenciais. Diante de um contexto que exige ressignificações, os alunos estão confinados, impossibilitados de vivenciar coletivamente com seus colegas, vivendo com o medo de serem infectados. A saúde mental e física desses estudantes vêm sofrendo impactos negativos em decorrência da pandemia.

A interpretação do material será feita a partir da descrição dos fenômenos registrados, da observação, da descrição de dados, por meio das ações desenvolvidas nas aulas de arte do Ensino Médio da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto, como veremos a seguir.

1. INÍCIO DO PERCURSO: UMA EXPERIÊNCIA PARA ALÉM DO ESPAÇO DA SALA DE AULA

O teatro na Educação Básica não pode ser trabalhado com ênfase em apresentações comemorativas ou com a realização de pecinhas para enfeitar o cotidiano da escola. A formação artística deve ser realizada com ênfase na experiência do sujeito. Portanto, a ação teatral é experiência e, portanto, “não é possível separar entre si, em uma experiência vital, o prático, o intelectual e o afetivo, e jogar as propriedades de uns contra as características dos outros” (DEWEY, 2010, p. 138).

Na busca por proporcionar tais experiências, percebi ser bastante promissora a vivência teatral, enfatizando jogos teatrais e improvisações teatrais, primeiramente dentro da sala de aula e, posteriormente, em diferentes espaços da escola. Embora os alunos tenham apresentado dificuldades em se relacionar uns com os outros, notei a necessidade de investigar metodologias contemporâneas no ensino de arte que trabalhassem a experiência estética ressaltando a coletividade.

Na escola da rede de ensino pública, os alunos encontram-se esquecidos, convivem em salas superlotadas, com ausência de materiais, sobrevivendo com a carência de recursos essenciais e, ainda, tentando serem vistos diante das dificuldades em que estão inseridos. A pesquisadora Carmela Soares, trabalhando com a realidade de escola pública no Rio de Janeiro,

desenvolve o jogo teatral em sala de aula como possibilidade de modificações do espaço vazio para o espaço potencial, com ênfase na experiência estética. Para ela, “na escola pública, podemos perceber que grande parte dos alunos vivem o desafio, de existir verdadeiramente, ou seja, de superar o estado de ‘submissão’ ou esquecimento, a que muitos estão sujeitos” (SOARES, 2008, p. 52).

A proposta de Soares (2008) tem como característica pensar a poética do efêmero no contexto da escola, que muitas vezes se apresenta em decorrência da ausência de condições propícias para que os alunos vivenciem a experiência artística. Portanto, “pensar uma poética do efêmero, como proposta metodológica para o ensino do teatro, torna-se fundamental” (SOARES, 2008, p. 54).

Nesse aspecto, é importante observar que, na poética do efêmero, descrita por Soares (2008), há possibilidade de o aluno desenvolver seu potencial criativo no ambiente escolar, mesmo com as questões que se apresentam como impeditivas de vivências artísticas. A aprendizagem, segundo a autora, adquire sentido para os alunos que passam a se experienciarem a arte por intermédio de metodologias ludopedagógicas, onde se torna possível transformar a realidade escolar.

Soares (2008) discorre sobre uma experiência na qual dois alunos pedem para beber água. Com a intenção de explorar corporalmente os ritmos, ela deixa os alunos beberem água seguindo as seguintes orientações: o primeiro aluno faria o percurso no ritmo mais rápido, e o segundo, no ritmo mais lento. A ação foi marcada pela chegada do primeiro aluno na sala, aquele desafiado a andar mais rápido. O clima de expectativa marcou o momento para que o segundo aluno concluísse o percurso no ritmo mais lento possível. É interessante observar que, para a autora, “esta atitude estimula, nos alunos, o conhecimento sensível e, portanto, estético da vida. Encontram, deste modo, em meio a um cotidiano árido, uma tessitura delicada e poética, capaz de conferir novos sentidos as suas vidas” (SOARES, 2008, p. 58).

Logo, observamos que as práticas teatrais proporcionam o desenvolvimento do indivíduo no grupo social, como podemos verificar na proposição de Soares (2008). Sendo o teatro uma arte coletiva, traz a possibilidade de os alunos perceberem uns aos outros e se aproximarem na realização das experiências. Na ação teatral, o companheirismo é adquirido, despertando o respeito às diferenças, corroborando, assim, com as atividades que envolvem o respeito mútuo.

No campo da pedagogia teatral, o conhecimento adquirido com a prática cênica é essencial para o desenvolvimento de saberes sensíveis no desenvolvimento artístico do aluno. Sem o objetivo de conceber atores profissionais, mas com prioridade na experiência coletiva

vivenciada pelo grupo, a formação por intermédio das artes cênicas colabora nas relações do indivíduo consigo mesmo e com o outro.

Outra colaboração que destaco para a realização de minha pesquisa foi o contato com a obra de Careri², ampliando minha concepção de arte nos saberes e fazeres artísticos. A experiência com a prática da deriva possibilitou experimentar a arte de modo bastante singular. Caminhos percorridos objetivando expressar subjetividades permitiram a apreensão de novos procedimentos até então desconhecidos e, ao mesmo tempo, transformar minha prática artística nas aulas ministradas na escola em que trabalho.

Careri (2013) explicita que os letristas iniciam uma teoria na errância urbana, abordando a deriva como uma determinada operação que é solícita ao acaso. Com a ampliação de informações sobre as práticas contemporâneas atuais, a escola como um espaço de construção contínua dos saberes deve proporcionar condições adequadas na formação artística do alunado, tanto na fruição estética quanto nos fazeres artísticos, e é nesta perspectiva que a pesquisa se desenvolve. A seguir, abordaremos as práticas adotadas nas aulas de arte da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto.

1.1 Buscando compreender a trajetória dos alunos nas aulas de arte

O desejo pela busca por novas práticas pedagógicas nas aulas de arte já se manifestava no decorrer de minha trajetória. A partir das caminhadas estéticas, constatei as possibilidades de investigar as relações dos alunos com o ambiente/lugar/escola. No decorrer de minha pesquisa, procurei nas aulas de arte proporcionar aos alunos ações que rompessem com os padrões vigentes no que diz respeito às suas relações com o ambiente/espaço escolar e com a arte.

A realidade apresentada pelos alunos nas aulas de arte era muito distante das experiências contemporâneas do ensino de arte. Portanto, percebia um paradoxo instaurado nas aulas: apesar de inseridas no mundo contemporâneo, as escolas oferecem uma educação que, em sua maioria, privilegia a transmissão de conteúdo. Observando esse contexto, a reestruturação da educação deve respeitar as singularidades dos alunos, desenvolvendo e proporcionando uma aprendizagem que privilegie sua autonomia.

² Em uma das aulas do Mestrado da UFU, na disciplina “A experiência artística e a prática do ensino de artes na escola- abordagens metodológicas”, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Dirce Helena Benevides de Carvalho e pela Prof.^a Roberta Maira de Melo no ano de 2018, foi apresentada a obra *Walkscapes: o caminhar como prática estética*, de Francesco Careri. Uma das experiências práticas foi marcada pelas ações performáticas sensoriais vivenciadas no espaço da UFU, seguindo as orientações contidas no celular (mensagem de áudio pelo aplicativo WhatsApp).

A ênfase que a concepção de educação da atual Lei de Diretrizes e Bases coloca sobre a tecnociência, como princípio e requisito básico no saber, na sociedade e na cultura, é contrabalançada pelo «conhecimento da arte», compreendido como conhecimento sensível-cognitivo, voltado para um fazer e apreciar artísticos e estéticos e para uma reflexão sobre a história e contextos na sociedade humana (FAVARETTO, 2010, p. 228).

Trazendo as considerações de Favaretto, o princípio e requisito básico dos saberes abordados na Lei de Diretrizes e Bases enfatiza a tecnociência, tanto na cultura como na sociedade. O autor destaca que os excessos da racionalidade humana podem ser equilibrados pelos saberes sensíveis e cognitivos da arte.

De tal modo, temos que repensar a arte na escola diante das transformações que vêm ocorrendo na contemporaneidade. Nesta abordagem, pode-se afirmar que o campo de investigação desta pesquisa se aproxima da questão abordada pelo autor, quando afirma que, por intermédio do ensino contemporâneo da arte, é possível “pensar o deslocamento do sujeito, a produção de novas subjetividades, as mudanças no saber e no ensino, as mudanças no saber e no ensino” (FAVARETTO, 2010, p. 229).

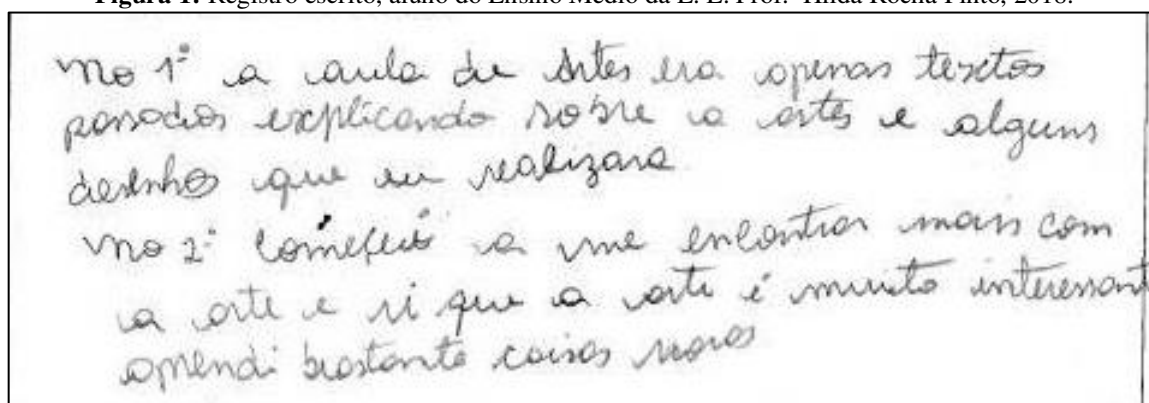
A realização de práticas artísticas contemporâneas poderão auxiliar na formação do indivíduo, principalmente no processo que agrega o coletivo, auxiliando, portanto, no processo emancipatório do sujeito.

O que esperar de alunos que permanecem constantemente reproduzindo conteúdo de um quadro/pintura nas aulas de arte? Tal estratégia não está em consonância com as novas concepções do ensino da arte que priorizam, acima de tudo, o campo do sensível nas aprendizagens artísticas. Estas fragilidades no ensino de arte decorrem muitas vezes da repetição de velhos padrões estabelecidos nas instituições escolares, de regras muito rígidas, como o estabelecimento de horários determinados, o cumprimento de conteúdos descontextualizados, da aplicabilidade de provas que não fazem sentido para os alunos, de maneiras impostas para o comportamento, do aprisionamento nas carteiras, restringindo seus corpos, suas liberdades, impossibilitando experiências sensíveis.

Na tentativa de provocar novas rupturas, foi proposto aos alunos que expressassem as atividades que se realizavam nas aulas de arte.

Veja abaixo o texto de uma aluna explicitando as atividades nas aulas de arte:

Figura 1: Registro escrito, aluno do Ensino Médio da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto, 2018.



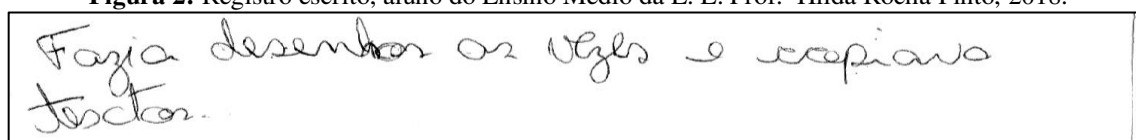
Fonte: Acervo da autora.

Transcrição do registro escrito do aluno: “No primeiro a aula de arte era apenas textos passados, explicados sobre a arte e alguns desenhos que eu realizava. No segundo comecei a me encontrar mais com a arte e vi que é muito interessante, aprendi bastante coisas novas.” (Registro escrito do aluno do Ensino Médio da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto, 2018).

O texto do aluno apresenta o conteúdo da aula de arte quando estudava no primeiro ano do Ensino Médio e afirma que as aulas se constituíam de texto e de reproduções de desenhos. Desta forma, o registro demonstra que as atividades nas aulas de arte nesta série eram elaboradas de forma muito mecânica, desconsiderando questões essenciais na formação artística contemporânea e a necessidade de se repensar o ensino de arte.

Observa-se no próximo relato o predomínio de técnicas desgastadas no ensino de arte como, por exemplo, cópia de textos e desenhos livres, sem proposições estéticas, distante de aprendizagens que priorizam saberes sensíveis:

Figura 2: Registro escrito, aluno do Ensino Médio da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto, 2018.



Fonte: Acervo da autora.

Transcrição do registro escrito do aluno: “Fazia desenhos às vezes e copiava textos.” (Registro escrito do aluno do Ensino Médio da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto, 2018).

Inicialmente, nas proposições de ações coletivas, alguns alunos preferiam realizar as atividades individualmente. Tive o cuidado de não gerar tensões nem tornar aquele encontro constrangedor. Fui orientando os alunos para que ficassem tranquilos, pois no momento certo eles compreenderiam o que estavam realizando. Com isso, aspectos importantes precisavam ser trabalhados para nos aproximarmos de experiências significativas, uma vez que as atividades

desenvolvidas nas aulas de artes se faziam exclusivamente de reproduções, tanto de desenhos quanto a apresentação de peças teatrais onde os alunos apenas reproduziam as falas do texto.

As propostas superficiais realizadas nas aulas de arte mostraram que os alunos estavam distantes de atividades artísticas que possibilitassem a experiência sensível. Eles se acostumaram a seguir uma rotina que não oportunizava experimentos. A partir da verificação dos registros foi possível pensar em ações artísticas que mobilizassem os estudantes na realização de experiências que os aproximassem da arte contemporânea. Uma das proposições foi o *Caminhando*, de Lygia Clark, como será visto a seguir.

1.2 A experiência com o *Caminhando* de Lygia Clark

Considerando o caráter etnográfico desta pesquisa, relatarei algumas atividades realizadas com os alunos na Escola Estadual Júlio Fortes, no ano de 2016, na cidade de Lavrinhas-SP.

Para Soares (2008), tudo pode ser transformado para que se aprenda a linguagem do teatro. Em consonância com a autora, a experiência sugerida aos alunos com o *Caminhando*, de Lygia Clark, foi realizada fora do espaço da sala de aula.

Realizar o *Caminhando* com os alunos ressignificou minhas próprias ações dentro da escola: o ensino do teatro não é constituído somente de texto, palco e plateia, pois “trata-se, portanto, de identificar, no cotidiano da escola e da vida, a presença de uma materialidade específica do fazer teatral, que não está restrita apenas ao domínio do texto e do diálogo” (SOARES, 2008, p. 53).

Primeiramente, os alunos foram conduzidos para fora da sala de aula. Era necessário abandonar aquele espaço rígido e ficar distante de carteiras e lousa, aberto a novos experimentos.

Descendo as escadas da escola, uma certa curiosidade despertou nos alunos, já que não tinham ideia do local onde seria realizada a aula. Traçando um caminho entre pequenas árvores, busquei um outro espaço, amplo e aberto: a quadra de esportes da escola foi o lugar escolhido para realizar a atividade. Foi lá que executamos a reperformance, que nada mais é que uma tira de papel com os princípios da fita de *moebius*, que é entregue ao sujeito para que ele corte a fita traçando o seu percurso, “uma experiência puramente espontânea em que o participante, enquanto estiver cortando a fita, não se preocupe em saber o antes e o depois, ou seja, o que já cortou e o que será cortado” (CARVALHO, 2008, p. 95).

O processo de percorrer o corte na fita folha proporciona a autonomia do participante na experiência artística, uma vez que “viver a experiência do Caminhando é viver a si mesmo” (CARVALHO, 2008, p. 91). Lygia Clark dá ênfase à experiência proporcionando ao espectador que ele tenha autonomia na obra:

Em Caminhando, a ênfase é a experiência no ato de cortar a fita. Nessa proposição, sublinhando o gesto real do participante, a artista deseja que o espectador trilhe o seu caminho desde o momento em que perfura a superfície moebiana com a tesoura e escolha entre seguir à direita ou à esquerda até que não seja mais possível seguir a diante (CARVALHO, 2008, p. 91).

Sentados em círculo, cada aluno fez o seu Caminhando cortando-o em tiras, percorrendo o seu próprio trajeto e, após cortarem, buscaram o contato das tiras com os seus corpos.

Figura 3: *Caminhando* de Lygia Clark, realizado com os alunos do Ensino Médio da E. E. Júlio Fortes, 2016.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 4: *Caminhando* de Lygia Clark, realizado com os alunos do Ensino Médio da E. E. Júlio Fortes, 2016.



Fonte: Acervo da autora.

Sommer (2015), ao referir-se ao *Caminhando* de Lygia Clark, salienta as possibilidades que podemos vivenciar quando criamos o Caminhando “no ato manual simples de unir pontas e formar um círculo em tira de papel, funde dentro e fora, e permite a escolha, o imprevisível,

a transformação de uma virtualidade em um empreendimento concreto” (SOMMER, 2015, p. 13).

Considerando que o espaço escolar é constituído de rituais de repetição, com carteiras enfileiras, o controle extremo dos alunos, o tempo mecânico que determina as atividades a serem realizadas, pude constatar que a atividade com o *Caminhando*, realizada fora da sala de aula, em um espaço aberto, possibilitou aos alunos colocarem-se abertos à experiência sensível, participando com autonomia e estabelecendo uma comunicação de cumplicidade e respeito mútuo.

Esse foi, portanto, o início das experiências desenvolvidas com os estudantes para o desenvolvimento de uma educação estética. A relação do aluno com diferentes experimentações diretas com os demais colegas e com o espaço favoreceu para que criassem outros significados e sentidos nas atividades desenvolvidas nas aulas de arte.

As questões relacionadas ao espaço integraram os procedimentos nas aulas de arte. No relato a seguir, trataremos das questões do espaço em suas relações com os procedimentos artísticos desenvolvidos com os alunos da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto.

2. CAMINHADAS: NOVAS SIGNIFICAÇÕES NOS FAZERES ARTÍSTICOS

Pensando no deslocamento do aluno na produção de subjetividade, a aplicabilidade da deriva traz relações do sujeito com o espaço circundante. Desenvolver as caminhadas reforça a importância de pensar a arte coletiva pois, no ato, os sujeitos da ação agem em sintonia, percebendo uns aos outros, corroborando para as relações interpessoais.

A realização da deriva com os alunos da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto iniciou-se com a aula de arte de maneira diferente: percebi que os alunos desconheciam as possibilidades que as artes cênicas nos proporcionam nos fazeres artísticos e na fruição estética. Por isso, procurei dinamizar estabelecendo o momento em que estivéssemos junto, sentindo-nos mais próximos, e nomeei esses momentos como “Encontros com a arte”, o que causava um certo estranhamento na maioria dos alunos.

Conduzindo-os a vivenciar ações em que pudessem experienciar o corpo no espaço circundante, fui estabelecendo uma relação de diálogo com eles, percebendo que não tinham o hábito de realizar atividades de arte fora do espaço da sala de aula.

Destaco a experiência performativa desenvolvida fora do espaço da sala de aula por Paulina Caon e Getúlio Góis de Araújo (2019), ao realizarem itinerâncias estéticas com os

alunos do nono ano do ensino fundamental com o *audiotour*³. Para Caon e Araújo (2019), a partir dessas experiências foi possível a “experimentação de procedimentos criativos vinculados à caminhada – a itinerâncias, errâncias, derivas –, bem como à composição de textos e imagens, resultantes dessas experiências de caminhada” (CAON e ARAÚJO, 2019, p. 227).

Retomando, iniciei uma das aulas, mais em específico como já mencionei, “Encontros com a arte”, convidando-os para caminhar pelos espaços da escola. Estabeleci que a saída da sala seria feita por eles inicialmente sem o uso do aparelho celular, solicitando que prestassem atenção na relação de seus corpos com o espaço, tirando-os da sala de aula que é o lugar onde estavam acostumados a permanecer sentados na aula de arte e, ao mesmo tempo, tirando-os do enrijecimento de seus corpos enfileirados. Alguns alunos questionaram qual atividade seria feita naquele dia no caderno de arte, talvez esperando que a professora solicitasse a cópia de algum texto escrito no quadro negro para depois receberem o visto nos cadernos. Diante disso, senti a valorização de conteúdos presentes na postura de alguns alunos e o distanciamento das possibilidades que podem vivenciar com a arte.

Nesta aula, os alunos foram convidados a caminhar no espaço da escola. Orientei para que desenvolvessem o percurso atentando-se aos detalhes que normalmente não são percebidos no cotidiano escolar. Para auxiliá-los, entreguei um roteiro constando as possíveis ações que eles teriam que realizar durante a caminhada. Prontamente, levantaram e iniciaram a caminhada naquele instante, sendo necessário perceber o corpo a cada passo que dessem. Como eles não tinham o hábito de desenvolver atividades de arte fora do espaço delimitado pela sala de aula, foi importante explicar que não se tratava de um momento qualquer, e sim que seria de suma importância oportunizar aquela vivência.

Roteiro realizado na itinerância com os alunos nos espaços da escola:

1. Observem a sala de aula, o corredor. Percorram-no percebendo os detalhes que você nunca viu.
2. Desliguem-se de seus celulares. Desliguem-se de suas preocupações e entreguem-se a este momento.
3. Vamos para uma área aberta.
4. Caminhem livremente pela área escolhida.
5. Tirem os calçados. Sintam o chão. Percebam a natureza.
6. Vamos fazer um caminho aberto aos sentidos.
7. Apreciem o que estão observando.
8. Agora, podem usar o celular, criem registros com a sua câmera. (Excerto do roteiro do caminhar aberto à experiência)

³ *Audiotour*: faixa sonora que guia as pessoas por certo espaço. Prática contemporânea, utilizando o caminhar como ato estético. Os trabalhos foram propostos aos estudantes da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (Eseba/UFU), dialogando, portanto, com as práticas contemporâneas e realizando a intenção de desacelerar o tempo presente de aceleração constante, diferentemente do tempo da experiência artística.

Com o roteiro em mãos e estando em grupos entre colegas, deixei que eles seguissem o que estava escrito. Fizeram a observação atenta da sala de aula e, aos poucos, caminhando em direção à porta. Olhando o corredor, espaço de passagem rápidas, de encontros entre corpos, de lugar onde os alunos permanecem quando estão cansados de ficar sentados nas carteiras, espaço comprido cheio de desafios e proibições quando pedem para sair e observar o que há fora da sala.

Solicitei que deixassem durante a caminhada o celular desligado, sem preocupar-se com esse objeto que é muito importante, mas que naquele momento o importante era desligar-se de tudo para não se dispersarem do momento presente. Imediatamente, duas alunas deixaram o celular aos meus cuidados, pois queriam aproveitar com mais intensidade a atividade proposta. Aos poucos foram entrando sensorialmente na caminhada, desligando-se das preocupações, caminhando calmamente.

A terceira orientação presente no roteiro convidava-os para caminharem até uma área aberta dentro da escola, longe das salas de aula. Deixei que eles escolhessem, sem a obrigação de perguntar se poderia ficar ali ou não. Queria que cada um observasse a diferença quando estamos andando rotineiramente para a escola ou para outras atividades que nos exigem o tempo e o cumprimento de ações mecânicas, e quando estamos de fato abertos a um percurso sensorial.

Para minha surpresa, eles escolheram os lugares e estavam envolvidos na ação de caminhar, observando os detalhes no percurso. Caminhando com cuidado e atenção, os estudantes foram aproximando o corpo, tocando na parede, utilizando as mãos para descobrir os detalhes contidos nos tijolos. Não ouvi em momento algum murmúrios ou reclamações: eles estavam aproveitando, conhecendo detalhes que não são possíveis de serem observados quando estamos dentro da sala de aula.

Figura 5: Registro da caminhada feita pelas alunas do Ensino Médio da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 6: Registro da caminhada feita pelas alunas do Ensino Médio da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto.



Fonte: Acervo da autora.

O interesse em caminhar pela área escolhida da escola, que é pouco explorada, foi a parte da frente: todos os dias os alunos passam por esse caminho, mas não se atentam aos detalhes do jardim, constituído por diversas árvores e imenso gramado enfeitando o portão, acompanhado pela primavera com suas belas e encantadoras flores. O momento ficou mais agradável ao tirarem os calçados e sentirem o chão, pisando diretamente e suavemente, fazendo o melhor, que é aproximar o corpo e sentir.

O item número oito do roteiro orientava-os a registrarem as ações das experimentações com o próprio celular. Um grupo de alunos colocou as mãos em uma árvore e o sentimento expresso naquele momento foi de pertencimento. Relações diretas com a matéria, de certa maneira, deixou marcas diferentes nesses alunos. O outro grupo observou as formas de cada árvore e seus registros fizeram um diálogo entre corpo e árvore.

A oportunidade de novos aprendizados foi destacada nessa aula, como podemos observar na partilha de experiência dos alunos, que de fato se entregaram ao momento. A fala dos alunos contribuíram para compreender e confirmar a pesquisa:

Figura 7: Registro escrito, aluno do Ensino Médio da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto.

Minha Experiência em caminhada

Foi uma aula diferente, a onde observamos coisas que não notamos no nosso dia-a-dia na escola. Minha experiência com a atividade realizada, foi agradável, eu observei coisas que eu não prestava atenção, em coisas que para mim não eram tão importantes.

Uma das coisas mais interessantes que me chamou a atenção foi o fato de se desconectar das pessoas ao meu redor e se afastar das tecnologias como o celular.

Observar, é mais que aprender, é mais que notar algo. Na verdade é viver aquilo que ninguém acha importante, que para muitos não é nada, ou seja, é sentir algo, é sentir coisas, maravilhosas, é uma forma de expressar.

Minha experiência foi incrível, a parte que eu mais gostei foi de observar as plantas, as paisagens no jardim, na frente da escola.

Sair pelo corredor e andar pela escola foi incrível.

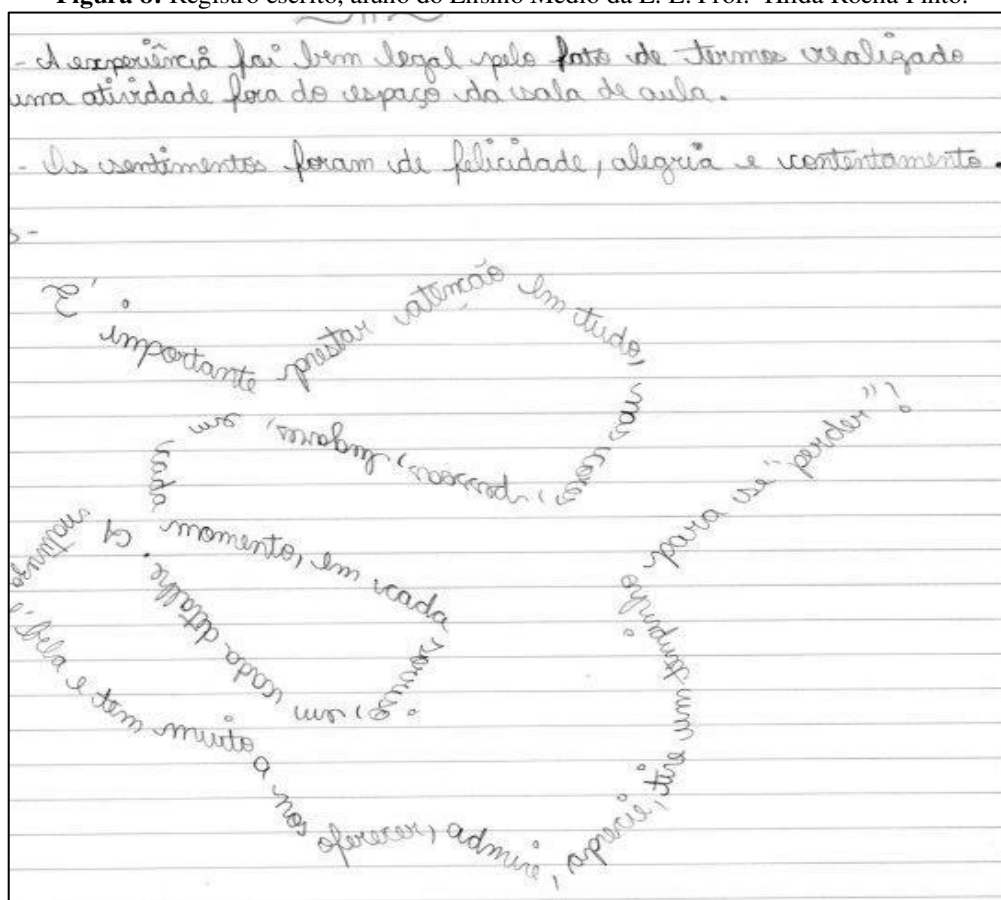
Fonte: Acervo da autora.

Transcrição da fala do aluno: “Foi uma aula diferente, onde observamos coisas que não notamos no nosso dia-a-dia na escola. Minha experiência com a atividade realizada, foi agradável, eu observei coisas que eu não prestava atenção, em coisas que para mim não eram tão importantes. Uma das coisas mais interessantes que me chamou atenção foi o fato de se desconectar das pessoas ao meu redor e se afastar das tecnologias como o celular. Observar é mais que aprender, mais que notar algo. Na verdade, é viver aquilo que ninguém acha importante, que para muitos não é nada, ou seja, é sentir algo, é sentir coisas, maravilhosas, é uma forma de expressar minha experiência foi incrível, a parte que eu mais gostei foi observar as plantas, as paisagens no jardim, na frente da escola. Sair pelo corredor e andar pela escola foi algo incrível.” (Registro escrito do aluno do Ensino Médio da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto, 2018).

Essa fala do aluno apresenta o quanto a caminhada proporcionou, como experiência: olhar e conhecer o que é desconhecido por eles.

O registro abaixo, de outro aluno, apresenta os sentimentos despertados ao realizar a caminhada:

Figura 8: Registro escrito, aluno do Ensino Médio da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto.

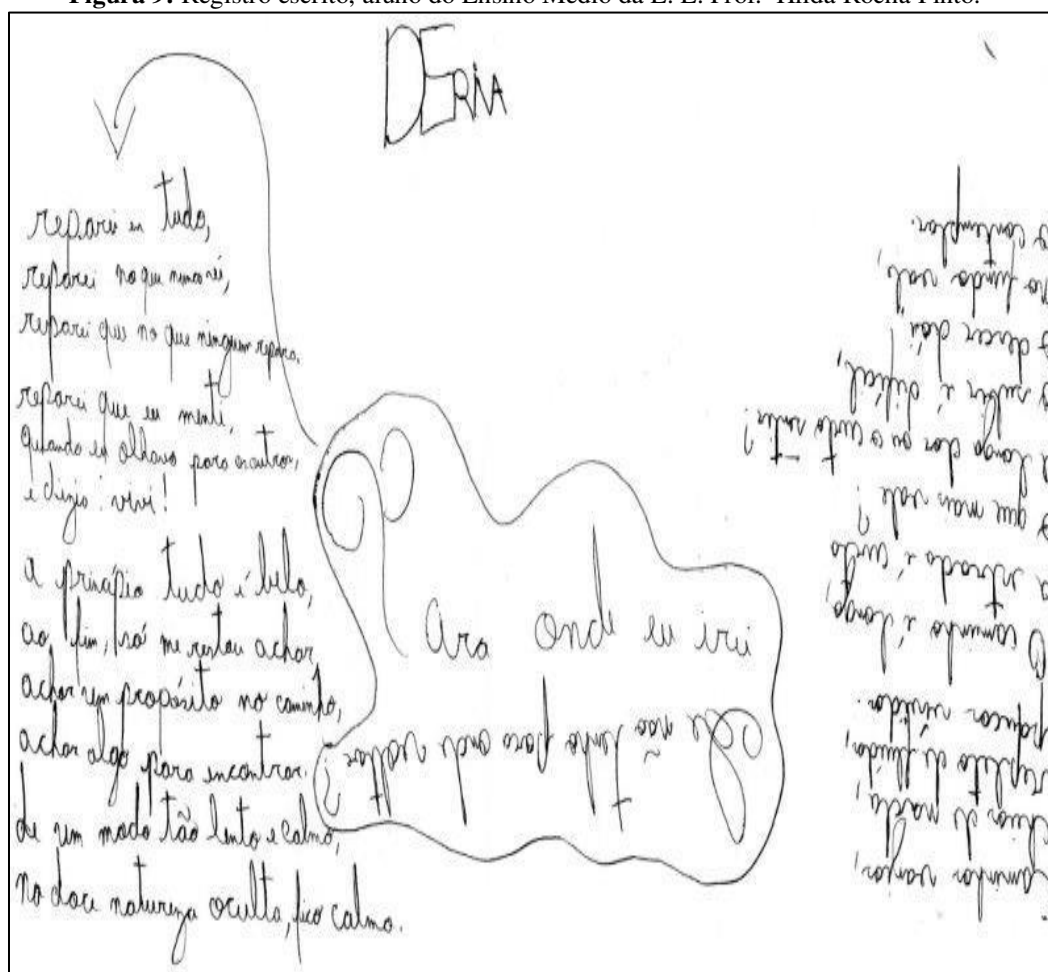


Fonte: Acervo da autora.

Transcrição do registro escrito do aluno: “A experiência foi bem legal pelo fato de termos realizado uma atividade fora do espaço da sala de aula. Os sentimentos foram de felicidade, alegria e contentamento. É importante prestar atenção em tudo, cores pessoas, lugares, em cada momento em cada sorriso, em cada detalhe. A natureza é bela e tem muito a nos oferecer, admire, aprecie, tire um tempinho para se perder.” (Registro escrito do aluno do Ensino Médio da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto, 2018).

Acredito que o professor deve se colocar como provocador na construção significativa de um saber coletivo, promovendo itinerâncias, o caminhar e a busca das subjetividades. Diferentemente de uma forma comum de caminhar, a ação da deriva com os alunos é um viés para que se sintam integrantes do grupo. Assim, o espaço institucionalizado, cercado de rigidez, passa a apresentar possibilidades de convívio. É possível pensar nas caminhadas como integração coletiva, como exercícios de convivência e troca afetiva.

Figura 9: Registro escrito, aluno do Ensino Médio da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto.



Fonte: Acervo da autora.

Transcrição do registro escrito do aluno: “Deriva: Para onde irei, se não tenho para onde voltar? Reparei em tudo, reparei no que nunca vi, reparei onde ninguém repara, reparei que eu menti, quando eu olhava para os outros, e dizia: vivi! A princípio tudo é belo, ao fim, só me resta achar um propósito no caminho, achar algo para encontrar, de um modo tão lento e calmo, na doce natureza oculta, fico calmo. Caminhos vazios, cheios de nada, repleto de fluído, poucos vividos. O caminho é longo, a estrada é curta, o que mais vale? A longa dor ou o curto sentir? O subir é difícil, o descer dói, no fundo vale o contemplar.” (Registro escrito do aluno do Ensino Médio da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto, 2018).

Percebemos o quanto é presente nos espaços escolares práticas de controle dos corpos dos estudantes, com disciplinas rígidas na intenção de obter o controle. Em *Pedagogias Invisíveis*, Andrea Pascual (2017) apresenta maneiras de compreender a arte como processo na educação, utilizando estratégias descolonizadoras para os corpos, práticas que descentralizam o poder com o próprio corpo, produzindo de maneira eficaz conhecimento significativo para a vida. Segundo Pascual (2017), “nuestras acciones y proyectos de investigación se centran em

la construcción de experiencias transformadoras a través del arte y los procesos creativos como estrategia, y la educación como contexto” (PASCUAL, 2017, p. 131)⁴.

Nesse aspecto, refletimos sobre o quanto a imposição de um sistema educativo influenciado por uma educação eurocêntrica impossibilita as ações performativas nos ambientes escolares. Uma característica importante é observar o quanto a experiência corporal é significativa para o processo de aprendizagem.

Sob esta perspectiva, apresentamos abaixo a atividade criada com os alunos em uma itinerância com o uso de QR Code.

2.1 O uso do QR Code: um caminho aberto à experiência estética

Antes da pandemia, observávamos na escola as dificuldades que alguns educadores apresentavam ao usar as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Com o cenário que enfrentamos, percebemos que muitos professores estão comprometidos a aprender a utilizar diversos recursos para a realização do desafio da aula online. Diante da aplicabilidade, novas metodologias poderiam garantir o interesse dos alunos.

[...] é muito importante que coloquemos tais máquinas nas mãos de nossas crianças e adolescentes, porém sempre predominando o ato de educar, de examinar criticamente - numa atitude freiriana -, aquilo que está lá. Onde a sabedoria de um professor de uma escola rural, ou de um velho pescador da comunidade, pode ser mais importante para a formação da identidade da criança e para a sobrevivência da cultura do que toda a informação que é produzida diariamente nos lugares sofisticados do planeta (CYSNEIROS, 1999, p. 20).

Dessa maneira, as TICs transformam o nosso cotidiano, oferecendo mais praticidade, auxiliando no processo ensino-aprendizagem no ambiente escolar. É interessante observarmos que os diferentes recursos pedagógicos oportunizam uma melhor compreensão dos conteúdos, além da explicação em aulas expositivas; o contato com outros recursos enriquece a aula de arte. As aulas planejadas com o uso de diferentes materiais estimulam os estudantes, assim como os recursos tecnológicos nas aulas também favorecem o interesse na realização das atividades propostas.

As novas tecnologias estão presentes na sociedade para, de fato, enriquecer a aprendizagem, uma vez que é possível acessar a rede estando em qualquer lugar, a qualquer

⁴ Tradução do texto de Andrea Pascual (feito pela autora): “Nossas ações e projetos de pesquisa enfocam a construção de experiências transformadoras por meio da arte dos processos criativos como estratégias e da educação como contexto.”

momento. Além disso, as transformações tecnológicas são importantes pois o modelo de educação que ainda praticamos é o herdado do século XIX (SANTAELLA, 2012). Diante de tais afirmações, inferimos que grande parte das escolas brasileiras ainda não atuam fazendo uso das novas mídias. Os avanços na estruturação desse ambiente e a crise sanitária que estamos enfrentando revelou muitos obstáculos, como a dificuldade no acesso à internet pelos alunos e pelo professor.

Nas aulas presenciais, realizamos os experimentos descritos abaixo com o uso do QR Code. Complementar as aulas com os recursos tecnológicos auxilia na melhoria da aprendizagem, possibilitando o uso das tecnologias no processo ensino-aprendizagem. Dessa maneira, a utilização das TICs ajuda no desenvolvimento dos saberes e fazeres em arte. Privar os alunos do uso deste recurso é uma maneira de negar que ele explore e conheça as diversas formas de uso que até então eram desconhecidas.

A aula planejada com a articulação entre o objeto de estudo, o conteúdo e o conhecimento, dá ênfase ao processo de criação, muito importante para os sujeitos de aprendizagem.

Ressignificando a minha prática, juntamente com os educandos, investigamos as possibilidades de realizar uma caminhada com o recurso do celular, propondo a eles uma nova experiência com o uso do QR Code, em um percurso realizado fora do espaço escolar, ou seja, externo à escola.

Instigados a buscar uma atitude mais poética na observação do espaço urbano já percorrido anteriormente pelos alunos, em uma relação com o espaço que possibilitasse a manifestação de subjetividades. Apropriando-se da tecnologia presente, ou seja, o aparelho celular, a partir da apresentação do QR Code, alguns dos alunos desconheciam a função desse código, nem ao menos conheciam a origem.

Em 1994, a empresa Denso no Japão, criou com a intenção de auxiliar na área automobilística, o Quick Response Code (QR Code). É um código de resposta rápida no formato bidimensional, utilizando o dispositivo móvel por intermédio de um aplicativo, o leitor de QR Code, possível quando está conectado à internet. As informações no código estão contidas na vertical e horizontal, armazenando um número maior de informações.

Os dados armazenados no QR Code podem ser desde textos até cartões de visita, sendo, portanto, possível utilizá-lo de inúmeras maneiras. A câmera fotográfica do tablet ou smartphone decodifica com rapidez o código, permitindo visualizar a informação.

Hoje ele é utilizado por várias empresas e organizações para fazer propaganda disponibilizando nele o endereço eletrônico da empresa com ofertas aos clientes e por

isto está presente em diversos lugares como embalagens de produtos, etiquetas de roupas, livros, sites, em bancos, bibliotecas e em documentos, como por exemplo na Carteira Nacional de Habilitação (CNH) de motoristas, o código está sendo impresso no verso do documento e permite aos policiais um acesso rápido às informações do condutor, evitando também fraudes desses documentos (ALVES, 2019, p. 18).

Para utilizar o QR Code nessa atividade, acessamos o gerador de QR Code, digitamos o texto e clicamos no item “criar código QR”. Automaticamente aparece o código e a opção de download, que poderá ficar armazenado ou não.

Provocados a realizar o percurso decifrando os códigos, interagindo com as orientações contidas, foi preciso organizar os alunos em grupos de no máximo quatro integrantes, para partilhar o aparelho celular com aqueles que não tinham. Além da organização em grupo para decifrarem os códigos, nem todos tinham internet. Portanto, foi roteada a internet do celular da professora, viabilizando a execução da proposta artística.

Entendendo que as mensagens decodificadas no caminho poético reforçavam a ideia de jogo, os alunos puderam observar o espaço percorrido e vivenciá-lo de maneira subjetiva, diferente, portanto, do automatismo que os conduziam anteriormente no percurso destes lugares já conhecidos por todos.

No primeiro QR Code, alguns alunos estavam com dificuldades para efetuarem a leitura do código: uns deixavam o celular passar rapidamente, enquanto outros não conseguiam centralizar a câmera. Diante da novidade na aula de arte, cada aluno queria saber o que estava escrito, para conseguir realizar a proposta. Os grupos que conseguiam ler o QR Code seguiam adiante, percorrendo o caminho, o que confirmava que haviam compreendido a ação solicitada pelo código. Comunicar-se dessa maneira causou momentos de riso entre eles, que movimentavam os corpos como se estivessem libertando-se de algo que os prendessem.

Figura 10: QR Code 1, localizado no corredor do piso superior da escola.



Fonte: Acervo da autora.

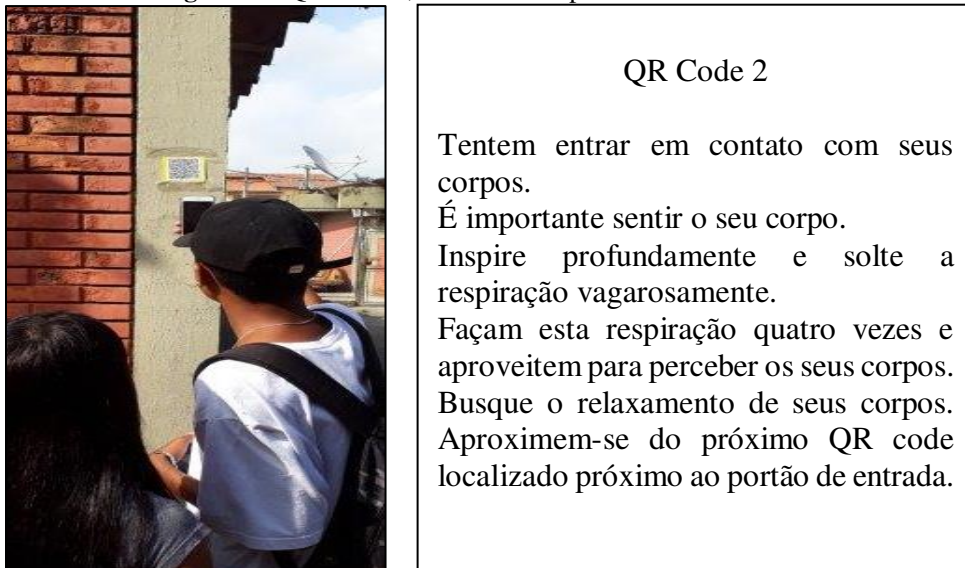
QR Code 1

Bom dia!
Vamos realizar um passeio no entorno da escola.
Preciso que vocês estejam abertos à experiência que se apresenta.
Sinalizem que vocês compreenderam o que leram dando um pulo.
Lentamente, caminhem até o próximo QR Code.
Não tenham pressa, estejam atentos durante a caminhada para observarem tudo que integra o espaço percorrido.
Percebam como vocês estão se sentindo.

Figura 11: QR Code 1.

Fonte: Acervo da autora.

No QR Code 2, foram poucas as dificuldades apresentadas pelos alunos na leitura do código. Centralizam o celular sob o código e partilhavam as informações com os colegas. Um grupo de alunos estavam contando a respiração e buscando relaxar o corpo, entregando-se no momento.

Figura 12: QR Code 2, localizado no pátio da escola.

Fonte: Acervo da autora.

Figura 13: QR Code 2.

Fonte: Acervo da autora.

O QR Code 3 faz um convite a cada aluno solicitando que acionem sensações e cheiros que sentiram no primeiro momento em que estiveram naquela escola. Neste QR Code, os alunos conversavam entre si, comentando como foi o início deles na escola.

Figura 14: QR Code 3, localizado no muro externo da escola.



QR Code 3

Chegamos à rua.
A experiência é individual.
Entreguem-se a esse tempo que não voltará.
Atentem-se às suas memórias, sensações,
cheiros, cores, formas...
Tentem se lembrar do primeiro momento
em que estiveram nesta escola.
Há quanto tempo estudam nesta escola?
Lembrem-se da sensação experimentada
quando estiveram na escola pela primeira
vez.
E neste momento, como se sentem?

Fonte: Acervo da autora.

Figura 15: QR Code 4.



Fonte: Acervo da autora.

No QR Code 4, os alunos estavam mais participativos e foram desenvolvendo as ações solicitadas pelos códigos. Andando pela calçada em grupo, exercitando o companheirismo, organizaram a fila com brincadeiras, risos e cumplicidade. Corpos que se comunicavam e realizavam o que foi proposto, demonstrando uma integração coletiva.

Figura 16: QR Code 4, localizado no muro externo da escola, na rua lateral.



QR Code 4

Andem pela calçada atentando-se aos detalhes.

Essa calçada é larga? É estreita?

Quais as cores que nela predominam?

Calmamente, organizem-se em fila com os seus grupos.

Caminhem seguindo as indicações.

Aproximem-se do próximo QR Code.

Fonte: Acervo da autora.

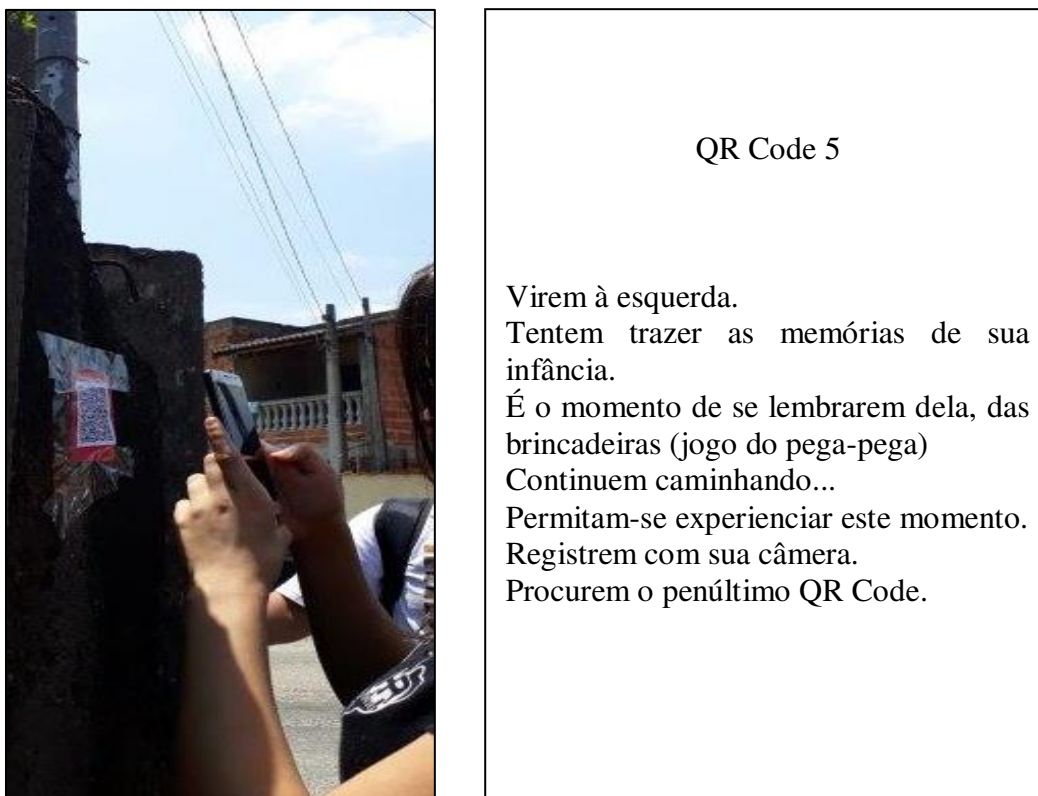
Figura 17: QR Code 4.



Fonte: Acervo da autora.

As condições colocadas no QR Code 5 trouxeram lembranças da infância, demonstrando a liberdade dos corpos, desbloqueando tensões com o jogo pega-pega. Quando chegaram no QR Code 6, estavam ofegantes e envolvidos pelas ações de nosso itinerário.

Figura 18: QR Code 5, localizado pelos alunos indicando a brincadeira de pega-pega.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 19: QR Code 5.



Fonte: Acervo da autora.

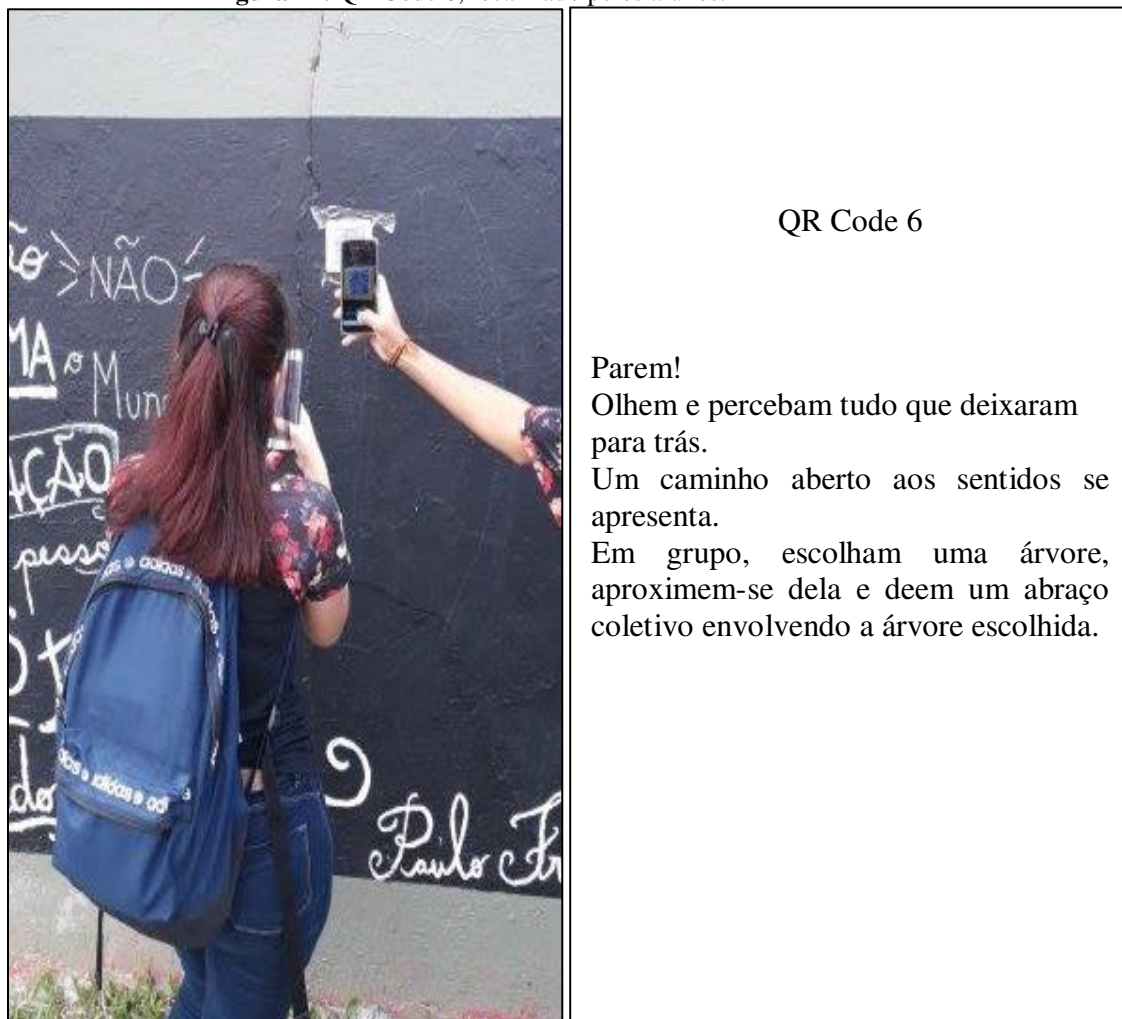
Figura 20: Alunos iniciando a brincadeira do pega-pega.



Fonte: Acervo da autora.

A proposta da brincadeira do pega-pega rompeu comportamentos rotineiros, favorecendo as relações de amizade e, ao chegar no sexto QR Code e compreenderem o que estava sendo solicitado, cada aluno foi caminhando para o abraço nas árvores, juntamente com os colegas. Nesse sentido, os alunos experienciaram os diferentes modos de relacionamento e pertencimento.

Figura 21: QR Code 6, localizado pelos alunos.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 22: QR Code 6.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 23: QR Code 7, alunos concluindo a caminhada.



QR Code 7

Agora, sim, é o último QR Code.
Obrigada por vivenciarem a experiência desta caminhada.
Vocês reagiram às solicitações enviadas pelo QR Code.
Foi uma experiência nova para todos.
Para encerrar o processo, faremos uma roda de conversa para falaremos da nossa experiência
Abraços!!!

Fonte: Acervo da autora.

Figura 24: QR Code 7.



Fonte: Acervo da autora.

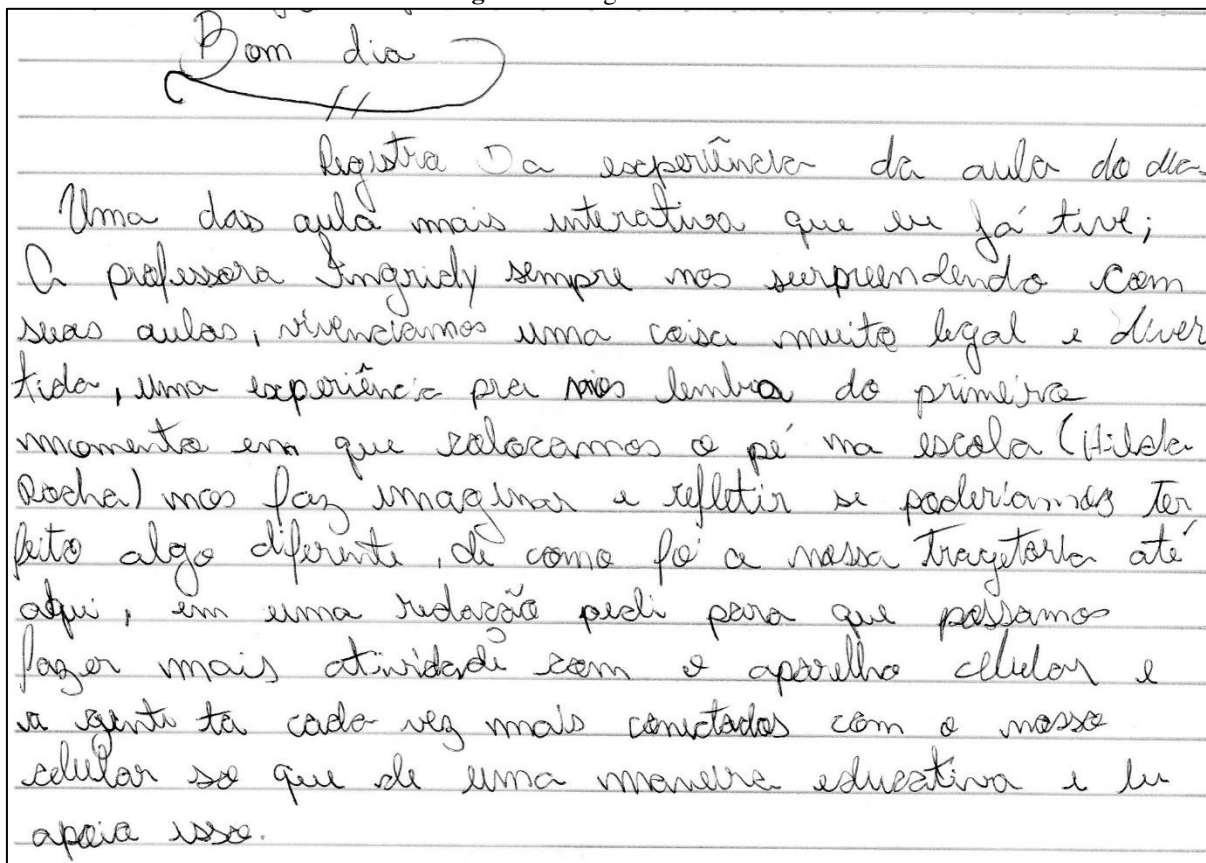
Figura 25: Alunos sentados após a caminhada aberta às subjetividades com o uso do QR Code.



Fonte: Acervo da autora.

alegrias são boas lembranças!” (Registro escrito do aluno do Ensino Médio da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto, 2019).

Figura 27: Registro do aluno.



Fonte: Acervo da autora

Transcrição do registro escrito do aluno: “Bom dia! Registro da experiência da aula do dia. Uma das aulas mais interativas que eu já tive. A professora Ingridy sempre nos surpreende com suas aulas, vivenciamos uma coisa muito legal e divertida. Uma experiência pra nos lembrar do primeiro momento em que colocamos o pé na escola (Hilda Rocha) nos faz imaginar e refletir se poderíamos ter feito algo diferente, de como foi a nossa trajetória até aqui, em uma redação pedi para que pudéssemos fazer mais atividades com o celular e nós estamos cada vez mais conectados com o nosso celular só que de uma maneira educativa, eu apoio isso.” (Registro escrito do aluno do Ensino Médio da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto, 2019).

Com o uso do QR Code, pudemos experimentar novos procedimentos na aula de arte. A caminhada perpassa pela vontade e concretude de liberdade, proporcionando encontros inesperados em um ambiente já contaminado pela rotina do dia a dia. Desta forma, os alunos ressignificaram espaços percorridos anteriormente, experienciando novas subjetividade por intermédio da caminhada com o uso desta tecnologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui traçadas a respeito das artes cênicas no âmbito escolar fez com que alguns apontamentos fossem mais assertivos diante das experiências com os alunos da E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto. O percurso aqui relatado coloca como possibilidades do fazer artístico considerando as práticas contemporâneas nas artes cênicas. Acredito que, em cada aula, a construção da relação do corpo e espaço, dos sujeitos e das deambulações são processos que não cessam.

A necessidade de propor a relação do aluno com experiências mais significativas está presente em minha prática desde o ano de 2016, partindo da obra *Caminhando* de Lygia Clark. Observar a espontaneidade dos alunos ao vivenciar o *Caminhando* resultou na oportunidade de lançar novos caminhos para a aprendizagem.

Os experimentos em cada aula apresentam a importância de colocar as práticas e metodologias contemporâneas ancoradas nas expressividades e nas singularidades dos sujeitos aprendizes nas itinerâncias pelo espaço escolar, o caminhar, mais exatamente, a deriva.

Configuramos as caminhadas partindo da obra *Walkscapes: o caminhar como prática estética* de Francesco Careri. A prática da deriva foi um ato que tornou possível aos alunos se expressarem; os caminhos foram traçados na intenção de desenvolver a fruição estética dentro de um espaço que não era oportuno para tal prática. Compreendemos que as dificuldades enfrentadas se encontram nas práticas instauradas que tornam os alunos refém de novos experimentos, apresentando certa dificuldade, inicialmente, para se relacionarem uns com os outros.

Evidenciamos que nas caminhadas estéticas os alunos se aproximaram mais da relação com o ambiente/lugar/escola. O rompimento com os padrões vigentes das aulas de arte e da relação do aluno com o espaço escolar foi apresentando novos sentidos. Reiteramos que a estética da sensibilidade de Celso Favaretto (2010) destaca a necessidade de se repensar a arte na escola diante das transformações que vem ocorrendo na contemporaneidade: pensar no sujeito e na produção de subjetividades que exigem mudanças no ensino.

Nos relatos dos alunos, notamos a presença de velhos padrões estabelecidos nas instituições, como também práticas nas aulas de arte que envolvem conteúdos que privilegiam a reprodução/cópias de desenhos. Após as experiências com caminhadas abertas à subjetividade, as escritas dos alunos apresentaram aproximações com as novas concepções de ensino que priorizam o sensível na aula de arte.

O fazer teatral com práticas contemporâneas abriu-nos às possibilidades das práticas contemporâneas na E. E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto, levando-nos ao uso das tecnologias para favorecer a aprendizagem de jovens que já utilizam estes recursos desde a mais tenra idade. Ao conhecerem o QR Code, os alunos viram na aula de arte um recurso tecnológico do qual ainda muitos não tinham conhecimento e desconheciam a função.

A itinerância realizada constituiu na vontade dos alunos de se colocarem abertos à experiência com o auxílio do próprio celular para a decodificação das mensagens, ampliando as percepções no que diz respeito às relações de seus corpos com o espaço da escola e fora dela. As experiências apresentadas nesse artigo proporcionaram transformações na relação entre os alunos e, ainda, na relação entre alunos e professor. Percebi que, durante as caminhadas estéticas, os alunos conseguiram se expressar envolvendo o corpo e se conhecendo mais. Diferente da rotina de aulas de arte que priorizam a cópia de desenhos, os alunos passaram de reprodutor para criadores, interagindo totalmente com a proposta.

Como professora, compreendi o quanto foi importante buscar práticas contemporâneas e experimentá-las com alunos da escola pública. O fato de estarmos assumindo o compromisso de propor novos caminhos para a aprendizagem nos coloca diante de inúmeros desafios, exigindo novas propostas.

A partir das experiências apresentadas, surge uma questão, considerando o contexto em que estamos vivendo: como seria a retomada destas caminhadas no cenário pós-pandêmico, que exigirá novos modos de aprendizagem e, possivelmente, impedirá a proximidade das fisicidades, o contato físico?

Esta é talvez a questão principal a ser vislumbrada para a continuidade da pesquisa de percursos dentro do ambiente escolar. Uma segunda questão que se levanta é pensar nas possibilidades de percursos como dispositivos de inclusão social na afirmação de etnias, raças e gêneros.

A partir destas indagações, acreditamos que as experiências relatadas neste artigo possam contribuir com novos modos perceptivos no fazer e fruir arte em escolas de Educação Básica.

REFERÊNCIAS

ALVES, Laila Aparecida. **Utilização de códigos no ensino: o uso do QR Code na sala de aula.** Disponível em: <

<http://dspace.nead.ufsj.edu.br/trabalhospublicos/handle/123456789/435>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

CAON, Paulina Maria; ARAÚJO, Getúlio G. **Caminhar, desacelerar- Uma experiência com audiotour e fotoperformance na escola.** Urdimento - Revista de Estudos em Arte Cênicas, v. 1, p. 224-235, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101342019224/9959>>. Acesso em: 08 set. 2019. <https://doi.org/10.5965/1414573101342019224>

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética.** São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

CARVALHO, Dirce Helena. **Lygia Clark: o voo para o espaço real – do bi para o tridimensional.** Universidade de São Paulo, 2008.

CYSNEIROS, Paulo Gileno. **Novas tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora.** Informática Educativa. UNIANDS – LIDIE, v. 12, n. 1, 1999, p. 11-24. Disponível em: <http://www.colombiaprende.edu.co/html/mediateca/1607/articles106213_archivo.pdf>. Acesso em: 27 out. 2019.

DEBORD, Guy. **Teoria da deriva** (1958). In: JACQUES, P. B. (Org.). **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 87-91.

DEWEY, John. **Arte como experiência.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FAVARETTO, Celso F. **Arte Contemporânea e Educação.** Revista Iberoamericana de Educación, n. 53, 2010, p. 225-235. Disponível em: <<https://rieoei.org/historico/documentos/rie53a10.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2020. <https://doi.org/10.35362/rie530568>

JACQUES, Paola Bernstein (Organização e Apresentação). **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/ Internacional Situacionista.** Tradução Estela dos Santos Abre, 1ª Ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. Disponível em: <<file:///C:/Users/Ingridy/Downloads/91-Texto%20do%20artigo-150-3-10-20170126.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

PACUAL, Andrea de. Vibrar: El cuerpo como instrumento pedagógico em la creación de micronarrativas em educación. In: **Múltiplos olhares sobre processos descoloniais nas artes cênicas.** Jundiaí: Paco, 2017.

SANTAELLA, L. **As novas linguagens e a educação. Plataforma do Letramento.** 2 de set de 2014. Entrevista a Lilian Romão. Disponível em: <<http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-entrevista/651/lucia-santaella-as-novas-linguagens-e-a-educacao.html>>. Acesso em: 24 out. 2019.

SOARES, Carmela. Pedagogia do jogo teatral: uma poética do efêmero. In: FLORENTINO, A.; TELLES, N. **Cartografias do ensino do teatro.** Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 49-59.

Disponível em <<http://books.scielo.org/id/5m6xs/pdf/florentino-9788570785183-06.pdf>>. Acesso em 09 de abr. 2020. <https://doi.org/10.7476/9788570785183.0006>

SOARES, Carmela. **Pedagogia do Jogo Teatral**: uma poética do efêmero - o ensino de teatro na escola pública. São Paulo: Hucitec, 2010.

SOMMER, Michelle (org.). **Práticas contemporâneas do mover-se**. Rio de Janeiro: Circuito, 2015.